



BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DA INFÂNCIA: Um debate sobre socialização e desigualdades de gênero

Luiza Gomes Profírio¹

Resumo

Através da discussão sobre brinquedos e brincadeiras, as/os jovens estudantes do 1º ano do ensino médio em uma escola pública da rede estadual de Alagoas foram incitados à reflexão sobre o processo de socialização e as desigualdades de gênero. Este relato de experiência descreve os aspectos mais significativos do processo. Não se pretende aqui realizar uma discussão teórica aprofundada, mas descrever as potencialidades e desafios de uma aprendizagem que prioriza o social como ferramenta para o ensino de temas, conceitos e teorias das Ciências Sociais, de forma a escapar de um ensino abstrato e permitindo (re)apropriações criativas por parte das/dos jovens estudantes.

Palavras-chaves: Socialização. Gênero. Desigualdades.

Childhood Toys and Play: a debate on socialization and gender inequalities

Abstract

Through the discussion about toys and games, the young students of the first year of high school in a public school of the state school of Alagoas, were encouraged to reflect on the process of socialization and gender inequalities. This experience report describes the most significant aspects of the process. It is not intended to conduct an in-depth theoretical discussion, but to describe the potentialities and challenges of learning that prioritizes the social as a tool for teaching social science themes, concepts and theories, in order to escape an abstract teaching and allowing (re) creative appropriations by the young students.

Keywords: Socialization. Gender. Inequalities.

¹ Licenciada em Ciências Sociais e mestra em Antropologia Social, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: analuzz.gomess@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência docente busca descrever as potencialidades e desafios de uma abordagem das Ciências Sociais priorizando as experiências cotidianas dos sujeitos como ferramenta de transposição didática. Embora o objeto de excelência da Sociologia seja própria sociedade, tornar inteligível o complexo e vasto arcabouço teórico das Ciências Sociais à jovens do ensino médio. É ainda um grande desafio (SARANDY, 2012, p.55).

Em minha trajetória enquanto estudante da licenciatura em Ciências Sociais, em poucos momentos de minha formação foi incitada a reflexão acerca de como ensinar Sociologia no ensino médio. As disciplinas pedagógicas fornecidas priorizavam a história da educação brasileira, teóricos da educação e suas respectivas abordagens, legislação educacional e os conteúdos a serem trabalhados no ensino médio. Não se trata de desmerecer a importância destas discussões, mas chamar atenção ao fato de que o ensino de Ciências Sociais na educação básica não parecia uma prioridade. A maioria das disciplinas pedagógicas era ministrada por docentes advindos do Centro Educação, e que forneciam as mesmas aulas para todas as licenciaturas. O *status* da licenciatura, por muito tempo, foi tido como “menor” diante do bacharelado; as desigualdades no que se refere cada habilitação são bem discutidas por Feijó (2015).

Foi só a partir de meu ingresso no Programa de Iniciação à Docência (PIBID), que pela primeira vez lidei com os desafios de construção do conhecimento sociológico junto aos estudantes de ensino médio. O aprendizado específico sobre o ensino de Sociologia ocorreu não a partir das disciplinas, mas da experiência proporcionado pela iniciação à docência. A discussão sobre incentivar os sujeitos no que se refere a uma “imaginação sociológica” e o estranhamento e desnaturalização da realidade social começaram a fazer algum sentido, especialmente diante da potencialidade das Ciências Sociais em desvelar desigualdades das mais diversas ordens e que afetam os sujeitos de forma significativa em sua vida cotidiana. O PIBID foi muito significativo em meu processo de profissionalização.

Comecei a atuar enquanto professora de Sociologia no início do ano de 2019, na Escola Estadual Professora Judith Nascimento da Silva, localizada no município de Messias, próximo à região metropolitana de Maceió. A instituição funciona nos três horários , e é a única responsável pela oferta do ensino médio e sua modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município. O relato aborda especificamente a experiência nas aulas de Sociologia com as turmas do 1º ano do ensino médio vespertino, que contam com uma aula por semana. Essas turmas têm cerca de 30-35 estudantes na faixa etária entre 14 e 17 anos.

Estas/es estudantes foram convidados à reflexão sobre a construção social das diferenças entre homens e mulheres, uma introdução ao conceito de gênero, durante as aulas realizadas ao decorrer do 3º bimestre. As/os jovens dialogaram sobre os brinquedos e brincadeiras de sua infância a partir da produção de um *Podcast*, arquivo de áudio transmitido *online*, cujo conteúdo pode ser variado e assemelha-se a na maioria das vezes a um programa de rádio, com reprodução de músicas por exemplo.

Durante as aulas a reflexão sobre os diferentes aspectos que envolvem a socialização de gênero foram recorrentes, dentre eles pode-se destacar: a constatação da separação desde a infância entre meninas e meninos, relatos sobre as transgressões as expectativas de feminilidade/masculinidade por parte dos sujeitos, as violências simbólicas e físicas praticadas e sentidas pelos mesmos diante destas transgressões, e a reflexão sobre como a socialização de gênero continua a ocorrer até o fim da vida. Em contrapartida, alguns jovens em seus relatos não conseguiram superar noções hegemônicas de gênero, as aulas foram também um momento de enfretamento entre visões mais ou menos igualitárias sobre as relações de gênero.

1 **ABORDANDO A NOÇÃO DE SOCIALIZAÇÃO NO ENSINO MÉDIO**

O primeiro momento de aproximação das/dos estudantes com a discussão proposta se deu a partir da construção de “palavras-chave” sobre o tema. Na primeira aula escrevi no quadro a palavra “Socialização” na lousa em letras garrafais, acompanhada de uma interrogação. Pedi as/os jovens que diante da

pergunta lançada escrevessem no caderno ao menos cinco palavras que nas suas percepções se relacionam, estas poderiam ser sinônimas ao termo ou situações cotidianas. Após vinte minutos as/os estudantes compartilharam suas respostas e construímos uma interpretação do que significa o processo de socialização.

“Conversar”, “estar com os amigos”, “interagir com as pessoas” e “resenhar” foram os termos mais recorrentes utilizados pelas turmas. Questionava logo em seguida quais ferramentas eram necessárias para realizar estas ações, as/os jovens chamavam atenção ao processo de aprendizagem, de um idioma, das regras de convivência, do modo de vestir, dentre outros. Em uma das turmas, por exemplo, um estudante fez uma espécie de tratado sobre as “regras da resenha”, dizendo que a boa “resenha” só pode acontecer entre os mais chegados e o grupo de amigos deve ter o seu jeito próprio de falar, para que os de fora não entendam o que está sendo dito.

Estes exemplos contribuíram para a compreensão do processo de tornar-se um membro da sociedade e as diferentes as instituições imbricadas no mesmo. Foi enfatizado aos estudantes que a socialização ocorre ao decorrer de toda a vida, jamais estando finalizada.

1.1 **Socialização e Gênero**

Para começar as problematizações em torno de socialização e gênero, utilizei um texto clássico da antropologia, “Sexo e Temperamento” (MEAD, 1979). Este trabalho é inaugural dos estudos de gênero, ao discutir como as diferenças entre homens e mulheres são resultado de um conjunto complexo de construções sociais. A autora discute como as personalidades de homens e mulheres não eram inatas, mas resultado de padrões culturais apreendidos de uma geração para outra. O texto foi apresentado às turmas a partir de uma aula expositiva, na qual a autora e sua obra foram contextualizadas de forma sucinta.

Os distintos processos de socialização em cada uma das três sociedades, Arapesh, Mundugumor e Tchambuli foram descritos em detalhes para as/os jovens

estudantes, ajudando na compreensão de como a socialização varia de uma sociedade para outra e de acordo com o tempo e espaço. O que causou maior inquietação para as turmas, e de certa forma era esperado ao escolher este texto pioneiro no que se refere ao estudo das relações de gênero, foram às descrições acerca dos temperamentos de homens e mulheres em cada uma das sociedades.

No caso dos Arapesh homens e mulheres apresentavam comportamentos semelhantes mostrando-se cooperativos, gentis e atentos a necessidades alheias, ambos se ocupavam do cuidado das crianças. Os Mundugumor “descritos enquanto agressivos” assumiam comportamentos hostis independente do gênero, mas a maior fonte de controvérsia para as/os jovens foi à descrição sobre os Tchambuli, no qual as mulheres exerciam um protagonismo evidente e os homens mostravam-se dependentes das mesmas.

Alguns estudantes diziam que se tratava do “nosso mundo só que às avessas”, as garotas afirmavam querer se “mudar para lá”, para se livrar de “varrer a casa” e “lavar a louça”, o que era acompanhado de manifestos inflamados dos rapazes completamente contrários à experiência dos homens Tchambuli. Afirmações de que a última sociedade descrita representava a “ideologia de gênero” também foram trazidos por alguns estudantes. Ao desenvolverem este argumento diziam que a “ideologia de gênero” desrespeita as “obrigações naturais” de homens e mulheres na sociedade, e prega a “inferioridade masculina”. Neste sentido problematizava o termo “ideologia de gênero” mostrando como se trata de uma denominação criada por grupos que se colocam contrários aos estudos de gênero e sexualidade. Em relação a este campo de saber, chamava a atenção dos jovens, sobre o fato de que sem sombra de dúvida expressam um posicionamento ideológico, mas os discursos contrários também o fazem.

Ainda na direção de provocar o processo de desnaturalização das diferenças de gênero que são construídas no processo de socialização, foi realizada a leitura seguida da discussão do texto “Brincar de boneca: Como isso educa para o cuidar?” de (PEIXOTO, 2019). A autora busca demonstrar como os brinquedos e

brincadeiras exercem certa influência na construção do gênero ao relatar a relação entre bonecas e feminilidade. Ela demonstra que desde cedo mulheres são preparadas para o exercício da maternidade e do cuidado de modo mais amplo, o que não ocorre com homens.

Durante a discussão perguntei as/os estudantes se concordavam com os argumentos apresentados, alguns chamaram atenção ao caráter “fatalista do texto”, trazendo as suas próprias experiências de rejeição aos brinquedos e brincadeiras e as normas de gênero ensinadas a partir destes dispositivos. Uma estudante, por exemplo, dizia que se o objetivo de “brincar de boneca” é ensinar a “gostar da maternidade”, no caso dela provocou o efeito contrário. A partir disto, retornei aos argumentos de (MEAD, 1979, p. 295) acerca dos “inadaptados”, aqueles que são a exceção em uma dada sociedade pois rejeitam ou não se adequam ao comportamento esperado pelo grupo social.

Argumentava junto às turmas que esse rompimento com as expectativas de feminilidade e masculinidade costumam ser exceção e não a norma (o que não significa atribuir um caráter estático a realidade social). Ainda sobre a relação entre brinquedos e brincadeiras e os posteriores comportamentos de homens e mulheres na vida adulta, as/os estudantes expressaram concordância no fato das mulheres realizarem maior parte do serviço doméstico e o abandono paterno não causar estranhamento ou indignação de um modo geral.

Em uma das salas, por exemplo, um dos estudantes dizia acreditar que se os meninos brincassem de boneca poderiam tornar-se pais “presentes” e não pais de “selfie”. A possibilidade de meninos brincarem de boneca foi muito mal recebida por certos rapazes, sendo rebatida com argumentos de que o papel do homem é “trabalhar fora e sustentar a casa” e o cuidado das crianças é “obrigação feminina”. Algumas garotas concordavam com esta argumentação, mas a grande maioria parecia indignada, descrevendo tais afirmações enquanto do século passado, chamando os colegas de “atrasados” e “machistas”.

Três turmas contavam com a presença de um jovem pai o que trouxe outras nuances sobre este tema, os jovens lamentavam o fato de ter pouco tempo para se dedicar ao cuidado da criança, devido à necessidade de prover financeiramente, uma maior divisão das obrigações de cuidado afetivo e material não era descrita sob um ponto de vista negativo. Narrações sobre pais “ausentes” motivavam a descrição de ser “pai de verdade”. Um dos jovens dizia que deixaria o filho brincar de boneca, pois assim, caso fosse um pai um dia, não derrubaria o bebê como ele fez, por não ter qualquer jeito para segurar uma criança.

O texto também gerou debate nas turmas sobre o serviço doméstico, as jovens chamavam atenção ao fato de que se trata de um “trabalho” não “pago” e não “reconhecido” pela sociedade, diante das afirmações de alguns rapazes de que o serviço doméstico não pode ser considerado “trabalho”, pois “trabalhar fora” é “mais exaustivo” e “gera dinheiro”. As considerações das estudantes iam de encontro às críticas promovidas por feministas marxistas acerca do não reconhecimento do serviço doméstico enquanto “trabalho”. Nesta abordagem tais atividades não podem ser descoladas de uma “experiência de classe”, visto que a produção capitalista se apoia na exploração feminina, seja a partir da assistência da mulher a família garantindo condições objetivas para a renovação da força de trabalho, seja na constituição de um exército de reserva sub-remunerado. A apropriação do trabalho doméstico contribui para moldar a divisão sexual do trabalho dentro e fora do âmbito familiar (ANDRADE, 2015).

Além das discussões significativas sobre cuidado de crianças, atividades domésticas, a dupla moral social para mulheres e homens que se refere ao e principalmente comportamento sexual foi um tópico recorrente. Algumas jovens diziam estar “cansadas” dos rapazes terem vários relacionamentos e nada ser dito, mas uma moça logo ganha o título de “vassourinha”. Outra observação realizada pelas estudantes era em relação ao horário de “estar na rua” que da infância, até o momento atual de suas vidas é bastante restrito se comparado ao tempo que os rapazes podem estar fora de casa.

A partir das discussões ocorridas em sala, solicitei aos estudantes que refletissem acerca dos brinquedos e brincadeiras de sua infância, e as formas como meninas e meninos são socializados de forma distinta, algo que deveria ser abordado em um *Podcast* a ser produzido pelos jovens estudantes em grupos de no máximo cinco integrantes. A escuta dos trabalhos ocorreu em sala de aula, ao invés da reprodução individual em celulares, as/os jovens trouxeram caixas de som portáteis para a audição por toda a turma.

2. **PRODUZINDO O PRÓPRIO *PODCAST***

A primeira vez que me deparei com a possibilidade do *Podcast* enquanto instrumento de aprendizagem nas aulas de Sociologia foi a partir do “Blog Café com Sociologia”, no qual havia a indicação de um artigo sobre a temática. O relato da experiência bem-sucedida de dois docentes no uso desta tecnologia foi a principal referência. Os autores buscaram compreender o “*habitus*” dos educandos para a construção de uma experiência de aprendizagem mais significativa (BORDART; SILVA, 2015, p. 3).

Um ponto de convergência entre o contexto escolar explorado no artigo e o no qual leciono é o uso do celular pelos jovens durante as aulas, apontado por parte significativa do corpo docente enquanto o principal responsável pelo baixo rendimento das/dos estudantes. Tornar o “vilão” uma ferramenta de aprendizagem foi o que mais chamou minha atenção no relato de experiência dos autores.

Questionei em diferentes momentos o que as/os jovens realizavam com o celular durante as aulas, jogar *Free Fire* ou *Minecraft*, escutar música e *Podcast* foram às práticas mais recorrentes, acompanhadas de justificativas sobre aulas “chatas” e momentos nos quais não se está com “vontade de estudar”. A possibilidade de produzir o seu próprio *Podcast* gerou uma comoção entre as turmas e uma maior aproximação e interesse nas aulas de Sociologia. As/os jovens em sua maioria produziram um conteúdo que muito se assemelhava a um programa de rádio, contando com músicas de “brega-funk”, gênero bastante

apreciado, e a conversa informal em grupo. Para a reflexão sobre os brinquedos e brincadeiras da infância, orientei as turmas acerca de alguns tópicos de discussão que deveriam ser incorporados nos *Podcasts*, para evitar a dispersão do assunto. Os pontos consistiam em uma descrição sobre os brinquedos e brincadeiras favoritos, as proibições por parte de pais, mães ou responsáveis e as suas justificativas, além de experiências de transgressão.

Estes tópicos ajudaram na reflexão acerca de como a socialização ocorre de formas distintas para homens e mulheres e como os brinquedos e brincadeiras são instâncias de regulação de gênero. De acordo com (LOURO, 2008, p.18) distintas instâncias sociais e culturais ensinam acerca do gênero, fabricando sujeitos “generificados”, tal aprendizagem ocorre de modo explícito ou dissimulado ao decorrer da vida, os brinquedos e brincadeiras evidenciam de forma significativa este processo.

Na socialização das estudantes, as proibições ocorriam em torno de jogar bola, brincar de carro e jogar ximbra, um conjunto de brincadeiras descritas enquanto única e exclusivamente de “meninos”. A aproximação e gosto por estas atividades geravam “suspeitas” e “acusações” sobre a sexualidade das mesmas, expressando o repúdio à homossexualidade. Considerar a homofobia apenas uma expressão de rejeição a gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, acaba por desconsiderar a heteronormatividade existente em nossa sociedade, a noção de heterossexualidade compulsória acaba por controlar também o gênero (JUNQUEIRA, 2011).

Eu curtia e ainda gosto muito jogar bola e aí minha mãe não deixava, mas eu nunca liguei, aí ela dizia que era coisa de menino e não queria que eu virasse “bolacheira”, mas tipo eu odiava boneca, é muito sem graça, sempre riscava as minhas ou sacudia na rua e passava a bike por cima, eu atropelava elas, Mainha ficava doida. Hoje ela não reclama mais (jogar bola), porque viu que eu sou teimosa (risos). E eu tenho um namorado, aí ela se deu conta que não tem nada a ver, tipo é preconceito das pessoas (Brinquedos e Socialização. 1º ano. Messias, 24 de setembro de 2019).

No caso dos rapazes os “brinquedos e brincadeiras de meninas”, como boneca ou cozinha foram descritos enquanto “pouco interessantes”. Explicavam que já haviam brincado devido à insistência de irmãs mais novas ou primas, quando era evidente o desejo delas de que os rapazes participassem a família não discriminava o ato. Brincar de elástico era descrito enquanto uma das poucas “brincadeiras de menina” que parecia atrativa e “desafiante”, mas não autorizada pelos familiares, fazendo com que brincassem escondidos.

Eu brincava de boneca, de restaurante na realidade, com as minhas primas. A gente cozinhava de mentirinha, pegava barro, fazia tipo uns bolos. Se não fosse por elas eu não tinha tido essa experiência, tipo não pega bem, né? Mas assim eu lembro que uma vez eu queria uma camisa rosa e aí meu pai não deixou, disse que era coisa de menina e eu não podia. Achei um pantinho dele por que é só uma cor, e cheguei a chorar, eu era pequenininho devia ter uns 7 anos, ele mandou eu engolir o choro e pra agir feito homem, falar grosso (voz estereotipada) e deixar de frescura. Foi horrível, se eu for pai, não vou fazer isso não... (Brinquedos e Socialização. 1º ano. Messias, 26 de setembro de 2019).

O retorno à infância levou alguns dos jovens a criticarem a “infância atual”, sendo descrita enquanto negativa frente as suas experiências. Alguns chamavam atenção ao fato da internet e aparelhos eletrônicos como tablets, celulares, etc. já fazerem parte de suas vivências na infância, mas diziam considerar o uso pela “atual geração” muito maior, percebendo uma grande dependência dos membros mais jovens de suas famílias. Uma jovem estudante dizia que a irmã de um ano, tinha mais conhecimento sobre as funções do celular do que ela.

O discurso em muito se assemelhava a opinião de alguns especialistas em infância, que raramente consultam as crianças para saber o que pensam sobre suas experiências, na sociedade ocidental a criança está em devir, ela ainda não é alguém (COHN, 2015, p. 11). E reproduz certo senso comum que associa as inovações tecnológicas e as formas interação proporcionado pelo mundo online uma perspectiva de perda. Perguntava aos jovens se percebiam a reprodução das desigualdades de gênero a partir dos dispositivos citados. As/os jovens diziam que em parte era verdadeiro, pois existem sites dedicados a jogos de meninas ou

meninos, nos quais se aprende a maquiar uma modelo ou disputa-se uma corrida, mas que devido ao pouco controle parental sobre o que se faz online, é mais fácil burlar as restrições e brincar com os jogos não considerados “apropriados” ao seu gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ensinar o tema socialização a partir de um recorte generificado, o principal objetivo foi tornar a categoria política e teórica gênero inteligível aos sujeitos. Esta categoria é resultado de um conjunto de mobilizações feministas, pois ao invés de se buscar a explicação das desigualdades existentes entre mulheres e homens em uma diferenciação biológica (se é que essa pode ser compreendida fora das elaborações socioculturais), o conceito volta-se para o campo social, buscando compreender de que forma nas relações entre os sujeitos são construídas e reproduzidas desigualdades. Deste modo, busca-se explicar de que maneira nas relações sociais estão se construindo os gêneros, e como o mesmo é importante no processo de fabricação dos sujeitos (LOURO, 2014).

Considerando as controvérsias em torno da discussão sobre gênero no espaço escolar, e as diferentes tentativas de restrição colocadas em curso nos últimos anos, o relato contribui para demonstrar a potencialidade deste debate. Os posicionamentos contrários a uma relação mais igualitária entre homens e mulheres por parte de alguns estudantes, são prova disto, o debate teórico do tema e a reflexão sobre as experiências pessoais produziram incômodo, no sentido de desafiar um conjunto de noções naturalizadas acerca de masculinidades e feminilidades.

Nesta direção o ato de ouvir a própria voz e perceber que as experiências individuais são compartilhadas por outras/os, mostrou-se uma ferramenta potente para a desconstrução de lógicas estreitas e excludentes. As discussões protagonizadas por alguns rapazes sobre o desejo de exercer a paternidade e a denúncia às violências simbólicas e físicas imbricadas no aprendizado da

masculinidade hegemônica desconstruíram a ideia de que o gênero é uma questão só das mulheres. A atividade realizada permitiu a reflexão sobre um conjunto de nuances nas relações de gênero, com perdas e ganhos para cada um dos sujeitos.

Por último, a utilização do *Podcast* enquanto instrumento de aprendizagem possibilitou uma maior aproximação dos estudantes à disciplina de Sociologia, além de retirar dos celulares o estigma de grande vilão da falta de atenção das/os estudantes, a experiência mostrou que a incorporação das tecnologias em sala de aula pode possibilitar (re)encantamento das/os jovens com as aulas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Joana El-Jaick. O feminismo marxista e a demanda pela socialização do trabalho doméstico e do cuidado com as crianças. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, Brasília, n. 18, p. 265-300, Dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010333522015000400265&lng=en&nrm=iso> . Acesso em 15 Jan. 2020.

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro, Zahar. 2015.

FEIJÓ, Fernanda. Questões acerca da licenciatura em Ciências Sociais. In: OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de; OLIVEIRA, Amurabi (Org.). *Ciências Sociais e Educação: Um reencontro marcado*. Maceió: Edufal, 2015.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar: a Pedagogia do Armário. SILVA, Fabiane Ferreira da (Org.). *Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação*. Uruguaiana: Unipampa, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072008000200003&lng=en&nrm=iso> . Acesso em 15 Jan. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. 16. ed. Petropolis: Vozes, 2014. 184 p.

MEAD, Margareth. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

PEIXOTO, Ingrid. Brincar de boneca: como isso educa para o cuidar?. *GQFeminista*. S.I, 01/02/2015. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/brincar-de-boneca-como-isso-educa-para-o-cuidar-ddbc66d96a>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

SARANDY, Flávio. O trabalho com temas e conteúdos no ensino de Sociologia. In: CARNIEL, Fagner; FEITOSO, Samara (Org.). *A Sociologia em sala de aula: diálogos sobre o ensino e suas práticas*. Curitiba: Base Editorial, 2012.

SILVA, Roniel Sampaio; BODART, Cristiano das Neves. O uso do *Podcast* como recurso didático de Sociologia: aproximando habitus. *Revista Educação, Ciência e Cultura, Centro Universitario La Salle - UNILASALLE* [s.l.], v. 20, n. 1, p.137-153, 6 ago. 2015. Disponível em:<<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/2236-6377.15.9/pdf>> . Acesso em: 15 jul. 2019.

Recebido em: 25 dez. 2019.

Aceito em: 23 mar. 2020

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

PROFÍRIO, Luiza Gomes. Brinquedos e brincadeiras da infância: um debate sobre socialização e desigualdades de gênero. *Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. CABECS*, Rio de Janeiro, v.4, n. 1, p.16-28, jan./jun. 2020.